ISSN 2675-3928

Aviação Agrícola

A revista do Setor Aeroagrícola Brasileiro

IBRAVAG
Instituto Brasileiro da Aviação Agrícola

Vol. 4 Nº 1 - janeiro a março/2021

Marcelo Amaral/Pachu Aviação Agrícola



ESPECIAL

Essencial e em ascensão

COM UM CRESCIMENTO DE 3,16% EM UM ANO, A FROTA AEROAGRÍCOLA BRASILEIRA ENTROU 2021 COM 2.352 AERONAVES, COM BASE EM DADOS DA ANAC

Entrevista
Ângelo Trapé, médico toxicologista e pesquisador

Incêndios
Ibravag e Sindag preparam protocolo contra as chamas

Veja todas as edições e confira as notícias no site da Revista Aviação Agrícola, usando o QR Code ou acessando:
www.revistaavag.org.br



ENTREVISTA

ÂNGELO TRAPÉ
Toxicologista

"ACHO QUE A CIÊNCIA TEM QUE SER SOBERANA EM TUDO"

MÉDICO E DOUTOR EM SAÚDE COLETIVA PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP), HÁ MAIS DE 40 ANOS ÂNGELO ZANAGA TRAPÉ INTEGRA OU COORDENA ESTUDOS SOBRE AGROTÓXICOS E SAÚDE DE PRODUTORES RURAIS E É REFERÊNCIA NA ÁREA DE TOXICOLOGIA NO PAÍS

Siomara Regina Jacobucci/divulgação

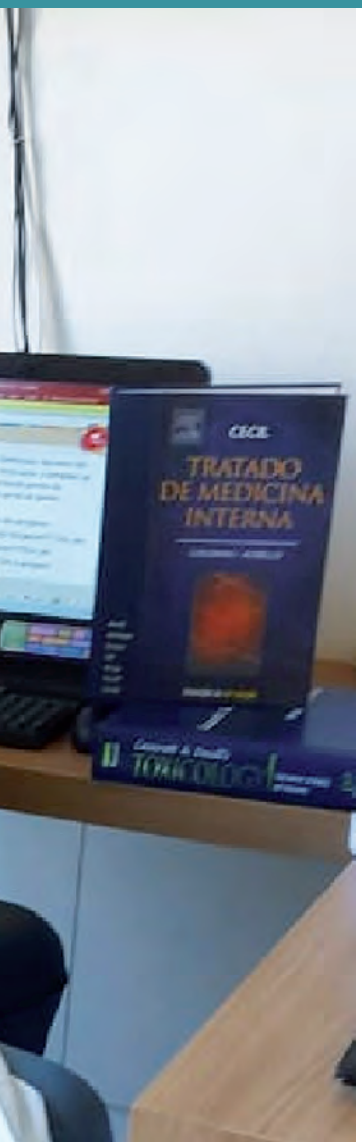


Como foi sua infância e juventude? Como veio a escolha pela medicina e, em seguida, pela Toxicologia?

Ângelo Trapé - Eu sou de uma família de São Paulo, sou nascido na capital de São Paulo. Meu pai era médico psiquiatra em São Paulo, formado pela Faculdade de Medicina da USP. E minha irmã mais velha também se formou na USP, médica. Então eu já tinha uma história de envolvimento com as questões de Medicina. E o curioso é que, aliado a isso, eu sempre vivenciei muito a área rural. A família de minha mãe é de Americana, perto de Campinas, e tinha fazendas. E outros primos tinham fazenda na região noroeste do Estado, em Araçatuba. Eu gostava muito disso tudo. Então, depois que meu pai faleceu, achei que eu deveria caminhar na linha da Medicina, que sempre me entusiasmou muito. Minha primeira intenção era fazer Cirurgia. Em 1971, entrei na Unicamp e sou da décima turma de sua Faculdade de Ciências Médicas. Comecei trabalhando como médico clínico e, logo após a minha formação, fui trabalhar um período na rede básica de saúde, em posto de saúde de Campinas. E arrumei uma atividade na Cooperativa Agropecuária de Holambra, aqui em Jaguariúna – em uma área desmembrada em dezembro de 1991, para integrar o então recém-emancipado Município de Holambra. Eu já tinha feito uma especialização em Medicina do Trabalho.

> **"Implantei um programa de atenção à saúde de pessoas expostas a agrotóxicos na Região Metropolitana de Campinas, que foi inserido no curso de Medicina"**

O fato curioso é que meu primeiro atendimento a um caso de intoxicação foi por solicitação de um médico veterinário, que me chamou para ajudá-lo a atender duas mulas. Elas estavam caídas num campo de plantio de palmas, onde havia sido aplicado um inseticida do grupo dos organofosforados. E ele (o veterinário) tinha o antídoto, que é atropina em doses cavalares. Eu o ajudei a injetar a atropina e salvamos os animais. Havia



HOME OFFICE:
Mesmo em casa, por conta da pandemia, Ângelo Trapé segue com suas atividades, frisando sempre a sua atuação pautada pela Ciência

Doutor Ângelo Zanaga Trapé, 69 anos completados em março, é referência na área de toxicologia no Brasil. Nascido em São Paulo, capital, reside há vários anos em Campinas, no interior paulista, onde construiu sua trajetória na saúde seguindo a tradição familiar – seu pai era médico psiquiatra na capital e sua irmã mais velha concluiu a faculdade de Medicina pela Universidade de São Paulo (USP). Trapé formou-se médico em 1977, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde começou a atuar como docente em 1983. Sua experiência principal é na Saúde Coletiva, com ênfase em Epidemiologia, abordando temas como agrotóxicos, exposição, monitoramento, saúde do trabalhador e contaminação.

Não é por acaso que sua tese de doutorado em Saúde Coletiva pela Unicamp, defendida em 1995, foi sobre o tema *Agrotóxicos, um problema de saúde pública*. Trabalho elaborado a partir de entrevistas com pessoas que diziam terem sido expostas e intoxicadas por defensivos agrícolas. Ao seu currículo somam-se a coordenação da área de Saúde Ambiental do Departamento de Saúde Coletiva; do Ambulatório de Toxicologia do Hospital das Clínicas da Unicamp; e do Programa de Atenção à Saúde de Populações Expostas a Agrotóxicos da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp – atividades desenvolvidas até 2017, ano em que se aposentou. Além disso, o médico foi responsável pela implantação do Laboratório de Análises Toxicológicas em Material Biológico da FCM (Labtox), setor que coordenou até 2017. Também integra o C3, Comitê Científico Consultor do International Life Science Institute ILSI Brasil. É membro do Conselho Científico para Agricultura Sustentável (CCAS). Ainda, preside o Instituto de Pesquisas e Educação em Saúde Prof. Dr. Waldemar Ferreira de Almeida (Inpes).

Ângelo Trapé sustenta que o debate sobre o tema agrotóxico é prejudicado pela falta de informação e por uma série de ideias equivocadas que se consolidaram não só no imaginário popular, como também nas percepções de diferentes instituições. Afirma ainda que o impacto dos defensivos agrícolas na saúde da população, especialmente nos trabalhadores rurais, é superdimensionado por conta da superficialidade dos dados disponíveis e pelo preconceito. "Isso é o grande mito que foi construído no Brasil", assegura.

Na entrevista concedida à Revista AvAg, Trapé toca no espinhoso tema dos agrotóxicos. Entre outras coisas, explica como foi arrastado para uma polêmica, quando propôs uma pesquisa sobre os reais efeitos da utilização do Paraquat nas lavouras brasileiras. O médico elogia a qualidade e a precisão da pulverização feita pela aviação agrícola no Brasil e salienta a sua importância em um país com plantações de grande escala.

ocorrido uma pulverização acima de onde um indivíduo trabalhava com os animais puxando um arado. Veio uma deriva e esses muares acabaram tendo uma intoxicação aguda.

Depois comecei a identificar mais alguns casos de indivíduos que não aplicavam corretamente, não usavam (os agroquímicos) de maneira adequada e tive a oportunidade de fazer um curso com um professor, chamado Waldemar Ferreira de Almeida, que é um dos pilares da toxicologia de defensivos agrícolas no Brasil. Ele era do Instituto Biológico. Nós fizemos alguns estudos e ele me ensinou muito sobre toxicologia. Foi contratado pela Unicamp e a universidade abriu a sua área de Saúde Ambiental. Eu trabalhava na prefeitura e na (Cooperativa) Holambra, e ele me convidou para vir para a Unicamp. Fui contratado na década de 80 e comecei a trabalhar com ele, especificamente na questão de toxicologia dos defensivos agrícolas.

Além da vida profissional, poderia destacar suas pesquisas e o trabalho na Unicamp?

Ângelo Trapé - Claro. Na ida para a Unicamp, começamos a fazer trabalhos em conjunto em relação a indivíduos que tinham exposição aos pesticidas na época. No início, na década de 80, montamos um programa chamado de Vigilância Epidemiológica em Ecotoxicologia de Pesticidas, onde saíamos a campo e solicitávamos aos serviços de saúde que, caso identificassem indivíduos com sintomas como dor de cabeça, náusea, ânsia de vômito, sudorese, suor, tontura, tudo, e que tivesse aplicado algum produto na lavoura, nos chamassem. E a gente ia até o município ver se isso era uma intoxicação ou não. Fruto desse trabalho, fui construindo toda a minha atividade didática e a minha formação. E até a minha tese de doutorado – *Agrotóxicos, um problema de saúde pública*, que eram entrevistas que eu fazia com indivíduos que diziam ter tido exposição (a defensivos), intoxicação. A partir daí, passei a coordenar, na década de 90, a área de Saúde Ambiental.

Implantei um programa de atenção à saúde de pessoas expostas a agrotóxicos na Região Metropolitana de Campinas, que foi inserido no curso de Medicina. Então, a cada 15 dias, a gente saía a campo com cinco alunos do quinto ano de Medicina, mais enfermeira e biólogo. Em conjunto com secretarias municipais de Saúde e de Agricultura de municípios da Região Metropolitana de Campinas até sul de Minas Gerais, a gente convidava os agricultores a passarem por uma entrevista e fazer coleta de sangue. Os alunos os atendiam e depois a gente examinava tudo: sistema nervoso